



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/canto-aos-rios/>

Canto aos rios: um relato-manifesto de cura das águas

Clara Jaxuka Mewaki Morgenroth[1]

RESUMO: O relato-manifesto *Canto aos Rios* partilha a investigação de Clara Jaxuka Mewaki Morgenroth com os rios, nas cidades e na floresta, desdobrando-se através de fendas e travessias entre *NHE'ĒRŸ*[2] (Mata Atlântica) e Amazônia, compartilhando gestos, que têm como intenção a regeneração dos rios urbanos e que evocam o fortalecimento espiritual de todos os corpos d'água. Desde 2011, através de estudos e pesquisas de campo independente, os gestos confluíram em criações de espetáculos de teatro e dança, obras audiovisuais, instaurações sonoras, desenhos-feitiços, ações performáticas, cantos, *adimú* (oferendas espirituais) e rituais, tecendo tempos, gentes e rios com objetivo de curar as águas. A espiritualidade, os territórios e os seres femininos, com suas práticas ancestrais, guiam os gestos com intenção direta de manter as águas vivas, saudáveis e livres, nas florestas, restingas, caatingas, tundras, campos e cerrados. Tudo ainda segue em curso, fluindo e confluindo em constante devir *XEYVARA RETÉ* (o meu corpo verdadeiro água em tempo infinito).

PALAVRAS-CHAVE: Águas. Ancestralidade. Cura. Rios. Sabedorias Tradicionais.

Canto a los Ríos: un relato-manifiesto de cura de las aguas

RESUMEN: El relato-manifiesto *Canto a los Ríos* comparte la investigación de Clara Jaxuka Mewaki Morgenroth con los ríos, en las ciudades y en la selva, tejiéndose a través de fracturas y travesías entre *NHE'ĒRŸ*[2] (Mata Atlântica) y la Amazonía, compartiendo gestos que tienen como intención la regeneración de los ríos urbanos y que evocan el fortalecimiento espiritual de todos los cuerpos



de água. Desde 2011, a través de estudios e investigaciones de campo independientes, los gestos han confluído en la creación de espectáculos de teatro y danza, obras audiovisuales, instalaciones sonoras, dibujos-encantamientos, acciones performáticas, cantos, *adimú* (ofrendas espirituales) y rituales, tejiendo tiempos, gentes y ríos con el objetivo de curar las aguas. La espiritualidad, los territorios y los seres femeninos, con sus prácticas ancestrales, guían los gestos con la intención directa de mantener las aguas vivas, saludables y libres, en los bosques, manglares, caatingas, tundras, campos y sabanas. Todo sigue en curso, fluyendo y confluyendo en un devenir constante: *XEYVARA RETÉ* (mi cuerpo verdadero, agua en tiempo infinito).

PALABRAS CLAVE: Aguas. Ancestralidad. Cura. Ríos. Saberes Tradicionales

*Só quem se interessa na História das águas é que vê.
Sente a magia das águas, entendeu?
O Xingu é isso, as águas.
(Raimunda Gomes da Silva[3])*

Palavras introdutórias

Escolho as palavras belas, *AYVU PORÃ* [4], como ação mágica de manipulação das matérias, para reverenciar e celebrar às entidades protetoras das águas.

Como direção de leitura, esse manifesto, para sua melhor eficácia, deve ser falado, *NHE'Ë Y*, o som do sopro da palavra com água. As palavras em caixa alta e itálico fazem parte da língua *MBYA NHE'Ë* (som do sopro da fala *GUARANI MBYA*) que pertence à família linguística Tupi-Guarani. A tradução, habitando a incerteza do equívoco[5], está entre parênteses.

As águas têm memória, que precisam da palavra, das matérias, dos minerais, dos vegetais e do corpo para se perpetuar. Ela fala, sussurra, canta cantos de histórias de antes do tempo do asfalto. Nas margens ocultas, nas veias subterradas com concreto, pulsa a memória líquida do que somos, ou do que ainda podemos ser. A cura das águas não é só uma questão de restauração geofísica,



mas um retorno aos acordes ancestrais entre gente e rio, entre o cosmos, *YVYRUPA* (corpo, leite ou plataforma terrestre) e as *YY* (águas).

“Cada molécula de água da Terra, dentro da gente ou de qualquer outro ser vivo, existe há bilhões de anos. Desde que chegou à Terra, a água tem transitado por rochas, pelo ar, animais e plantas, num ciclo sem fim. Toda a água do planeta é alienígena, mesmo que pareça tão familiar à gente. A água chegou em asteroides e cometas do espaço, objetos das margens do nosso sistema solar.” (Por que a água é uma das coisas mais estranhas do Universo, #BBCCORTES BBC News Brasil, 2025)

Há mais de 500 anos sofremos a imposição, a cada dia, de um sistema global que pretende colonizar e se apropriar das águas, da terra, dos minerais, vegetais e dos nossos corpos. Resistimos! Recolhemos as violências que despejam sobre nossos corpos: os vírus, os venenos, frequências cibernéticas, todo o lixo da produção de mundo capitalista industrial colonial integrado.

Sopramos e cantamos proteção e cura.

Reabrimos caminhos para que as águas tenham seus corpos restituídos e possam correr livres à luz do sol. Esse manifesto é um gesto, em forma de *AYVU* (palavra), com objetivo de revitalização dos rios urbanos e o fortalecimento espiritual de todes os corpos d'água.

“O tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer momento, pode-se escolher pontos e inventar soluções, sem começo nem fim.” (Lina Bo Bardi)

O ensaio *Canto aos Rios* abre 6 fendas no território da cidade de São Paulo, entremeados por 4 travessias em outros sistemas de produção de mundo, nos territórios de *NHE'ĒR'Ÿ* (aonde os espíritos se banham) e Amazônia, *confluindo* (Bispo, 2021) no gesto: 7 CANTOS PARA OS RIOS. Uso como metodologia a bricolagem[6], trazendo memórias matérias disponíveis de uma profunda escuta com as águas, rios, mares e corpos d'água.

FENDA 1

CERCO DE PIRATININGA, 1562.

A colonização do território do que hoje chamamos “A cidade de São Paulo”, fundada em 1554 no território de *PIRATININGA* (lugar de peixe seco), então ocupada pelos Povos Tamoio, Tupinambá,



Guarani, Tupiniquim, Carijó, Goiana, Guaianás, Puri, Tupi, Kaiapó, Kaingang, Opaie-Xavante, Otí-Xavante, entre outros (Museu das Culturas Indígenas, 2024), é marcada por muita violência. Alguns desses povos seguem resistindo com seu *NHANDE REKO* (nosso modo de vida do povo guarani) nas Terras Indígenas *TENONDÉ PORÃ*[7](um bom futuro) e *JARAGUÁ*[8](lugar onde se bebe água), e espalhados pela cidade.

Em maio de 2016, o Ministério da Justiça publicou a portaria declaratória da TI Tenondé Porã (Portaria MJ/GAB nº 548), aprovando os limites presentes nos estudos de identificação conduzidos pela FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) e pelos quais nossas lideranças lutaram por mais de 30 anos para serem reconhecidos. A portaria declaratória é o marco mais importante do rito de demarcação, garantindo de forma definitiva a posse permanente sobre nosso território tradicional e autorizando as etapas conclusivas do processo: a colocação dos marcos físicos nos limites e a desintrusão das áreas ocupadas por não-indígenas mediante a indenização de benfeitorias, formalizando em seguida a homologação presidencial e o registro final da Terra Indígena. (<https://tenondepora.org.br/sobre/>)

A cidade de São Paulo cresceu às margens dos rios *TAMANDUA ETÉ'Y* (verdadeira lembrança das águas), *ANHANGABA'Y* (as águas do protetor da caça) e *YY ETÉ* (água verdadeira) e, mais tarde, expandindo para o Rio *JURUBATUBA* (lugar onde há muitas palmeiras jerivá), também conhecido como Rio Pinheiros, e além. Essas águas, desde muito tempo, foram fonte de vida, abastecimento e caminhos de travessias para dentro do continente.

Território coberto por florestas tropicais densas, com uma grande variedade de árvores de grande porte e campos de cerrado, formando ecótonos, ou seja, áreas de transição entre biomas, com espécies típicas dos dois ambientes convivendo com grande variedade multiespécies (Tsing, 2020). Além de uma abundante quantidade de águas nas brumas, garoas, olhos d'água, nascentes, lagoas, brejos, várzeas, cachoeiras, córregos, rios e aquíferos.

Com o tempo, o modelo colonial imposto priorizou a devastadora exploração econômica industrial da terra e a expansão do sistema urbano sobre os corpos d'água. No século XIX, os impactos de um sistema hídrico desequilibrado já se faziam evidentes em uma cidade que crescia de forma exponencial. Em 1878, foi fundada a Companhia Cantareira de Águas e Esgotos, que, sob o discurso sanitarista, privatizou o acesso à água, buscando resolver os problemas de abastecimento



e resíduos na cidade de São Paulo. Durante o século XX a impermeabilização dos corpos d'água foi intensificada, resultado de escolhas governamentais em projetos urbanísticos como o Plano de Avenidas de Prestes Maia, que priorizou a construção de largas ruas e avenidas para automóveis sobre os corpos d'água. Durante a ditadura militar, grandes obras de viadutos, retificação e canalização dos rios foram desenvolvidas, financiadas com massivos recursos dos Estados Unidos da América, provocando um ecocídio[10] que segue em curso até os dias de hoje.

Os rios foram canalizados e sufocados, suprimindo vidas e memórias de uma profunda relação com as águas. Apesar disso, e com exceção das revoltosas chuvas de verão, os rios permanecem sob o concreto, correndo silenciosos, num testemunho de resistência, como nos acalenta o pensador e ativista Ailton Krenak *“O Rio Doce, Watu, não morreu, ele foi para debaixo da terra”*.

FENDA 2

MAPA HÍDRICO DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2011.

Eu, vinda da Bahia, cresci banhada nas águas de Oxum e Iemanjá. Há 4 anos sofria a secura da urbanidade de SP. Até então, não tinha visto (ou percebido) água na aparente concreta cidade de São Paulo, para além da torneira e dos canais concretados de esgoto aberto ou das frequentes inundações.

Quando estava concluindo minha graduação em Arquitetura e Urbanismo, encontrei o mapa hídrico do Município de São Paulo. Fiquei impressionada. Aprofundei a pesquisa teórica sobre como chegamos a essa situação, como as águas desapareceram do território, das travessias, dos cantos e contos, da profunda relação espiritual e cultural que sempre tivemos.

Junto à pesquisa teórica, realizei a pesquisa de campo. Escolho ou sou atraída ao Rio Saracura, um dos quatro rios da Bacia do Rio ANHANGABA'Y, no território do quilombo Saracura, bairro do Bixiga, Sampa. Quando termino de subir a ladeira da Rua Rocha, chego na encruzilhada, atravesso em direção a uma viela, e vejo escrito no muro: *“Aqui nasce o Rio Saracura”*, caminho mais um pouco e encontro uma das nascentes do Rio Saracura. Consigo perceber a presença das águas do rio Saracura no som, no ar, nas calçadas molhadas, samambaias brotando em muros de tijolos, diversos estabelecimentos *“lava jato”*, o rio correndo pelas sarjetas, por cima, por baixo, pelas plantas, pelas gentes. Escuto através das grelhas da avenida 9 de julho. SaraCura. A alguns metros



do Mercado Municipal, na Avenida do Estado, vejo, saindo de duas caixas de concreto, as águas do Rio Saracura já confluídas com o Rio ANHANGABA'Y, Rio Augusta, Rio Bixiga e Rio YTOROROMA (conhecido como Itororó, o som da águas ou água que faz barulho), a desaguiarem nas águas do Rio TAMANDUA ETE'Y, que seguem correndo continente adentro, confluindo com as águas do Rio YYETÉ, que confluem com o Rio PARANÁ (semelhante ao mar), até encontrarem a mar na Bacia Platina.

Essa pesquisa resultou no trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo na Escola da Cidade, orientado por Vinicius Andrade e Anna Julia Dietzsch:

“Submersão, as águas invisíveis da metrópole de São Paulo”.

INSPIRAÇÃO: CARTA SUBMERSO | MÁQUINA-ROTA [11].

É uma tarefa árdua, mergulhar para não se perder. Principalmente quando os caminhos se mostram árdus e deflagram mais tropeços que acertos. Ficar submerso, ouvir os cardumes e se manter atento.

1ª TRAVESSIA

RIO TAPAJÓS E ARAPIUS, AMAZÔNIA.

No dia 14 de setembro de 2013, peguei um avião de São Paulo para Santarém, norte do Brasil, Estado do Pará. Já noite, cheguei em Alter do Chão, a tempo do *carimbó* na Praça da Vila. No dia seguinte, encontrei pela primeira vez as águas grandes, que pareciam mar, do Rio Tapajós. Subi o rio no barco de Deco, pintado de branco e laranja, com toldos e pneus azuis, escrito metade em azul e a outra em laranja: Cuicuera. Apesar dos quartos com camas no segundo andar, amarrei a rede no espaço aberto e coberto do último andar, e lá fiquei por toda a viagem. Navegamos alguns dias no Rio Tapajós, com paradas para caminhadas em florestas com seres vegetais milenares, travessias em igarapés e igapós, e visitas nas comunidades de Jamaráquá e Maguari. Todos os dias, acordávamos com a beleza do nascer do sol, que seguia por todo o dia, até o mais lindo pôr do sol, que nos deixava a cada dia em estado de encanto. Durante as madrugadas iluminada de lua cheia, tinha algo de assustador e muito belo no canto dos macacos bugios, que atravessavam meus sonhos embalados na rede. Os dias e as noites eram cheios de simples gestos novos, como a delícia de comer peixe na *piracaia*, sentados juntos nas praias de rio, ouvindo histórias, ao redor



do fogo, de outros mundos que desconhecia. Ou passar o dia como um ser vermelho, pintada completamente de urucum.

No terceiro dia, entramos no rio de águas negras, Arapius. Perto da hora do almoço, chegamos na comunidade de Anã, Resex Tapajós Arapius. Dona Maria Odila nos recebeu na beira do rio, na sombra da mata, com uma mesa farta com peixe assado, açaí, mel e uma grande variedade de frutas. Dona Maria, uma mulher guerreira e sorridente, tinha voltado para sua comunidade depois de 40 anos vivendo em São Paulo. Trabalhou alguns anos como babá e depois como costureira, quando começou a ganhar bem, e ter condições de comprar casa, carro, criar filhos e filhas, mas nunca se acostumou em ficar longe das belezas do Rio Arapius. Dona Maria estava plena, tinha assumido a representatividade e liderança dentro e fora da comunidade, iniciado o projeto MUSA-mulheres sonhadoras em ação, com foco na autonomia financeira das mulheres e soberania alimentar do/das aposentado/as, com a criação de piscicultura, e estava realizando o sonho de organizar o turismo de base comunitária. Passamos o dia conhecendo as belezas das praias de rio e delícias de Anã. No fim do dia, dormi embalada com as histórias de Dona Maria na maloca chapéu de palha em construção.

"Atravessar um limiar, seja ele físico ou simbólico, não é meramente uma mudança de lugar, mas a transformação do próprio ser e do próprio entendimento do mundo." (Geertz, 1973)

FENDA 3 RIO BIXIGA, 2015.

Retorno para a cidade de São Paulo. Primeiro choque de sistema. Penso e me questiono: por que estávamos todxs ali, sufocades, entulhadas, trabalhando para produção do sistema urbano industrial colonial sobre nossos corpos d'água?

Sigo a investigação de urbanista com os rios. Queria entender melhor o sistema que estava sendo sobreposto. Realizo uma viagem de estudo de campo de cinco meses para compreender A cidade capitalista neoliberal da Inglaterra, Londres. Estudo o processo de urbanização, poluição e despoluição do Rio Tâmis, pedalo pelos rios e canais da cidade e aproveito a efervescente cena artística da megalópole. Atravesso Shangai, Nova Zelândia, até ser atraída novamente pela Bacia do Rio ANHANGABA'Y.



Minhas águas confluíram para o baixio do viaduto sobre o Rio Bixiga. Ali, comecei a participar da prática LER-JUNTO, uma estratégia de escuta, o simples gesto de encontrar no espaço público, para juntas lermos um livro ou um texto. A ação fazia parte do projeto Terreyro Coreográfico[12], uma encruzilhada entre coreografia, arquitetura e cosmopolítica, atuando em espaços públicos da cidade de Sampa. Nas manhãs de quarta-feira, palavras do livro *A Inconstância da Alma Selvagem*, de Eduardo Viveiros de Castro (2002), eram entoadas abaixo o concreto do viaduto Julio de Mesquita Filho e sobre o Rio Bixiga. Desde 2014, artistas do grupo estavam ocupando, cultivando e manejando o baixo do viaduto com apoio do Fomento à Dança da Cidade de São Paulo, da 16ª edição.

Trabalhamos conectando territórios, dando a ver e aprendendo com suas forças ancestrais estruturais, seus rios, montanhas, lagos, matas, florestas, vegetação, bichos, ventos, céu e terra. E aproximando e conectando pessoas, povos, perspectivas através de atos públicos de partilhas, trocas e celebrações. O público em coro nas praças, nas ruas da cidade celebrando a vida pública já é em si arquitetura. Dar a ver as manifestações dos rios e de como eles continuam, mesmo enterrados, retificados, marginalizados, coreografando os fluxos da cidade já é em si urbanismo.
(Terreyro Coreografico, 2015)

Dentro dessa encruzilhada, envio uma proposta, na área de arquitetura e urbanismo cênico, para o chamado da Universidade Antropófoga do Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, para “A CRIAÇÃO DE UM MANGUE” da montagem Teatral Mistérios Gozozos de Oswald de Andrade, com direção de Zé Celso.

2015. São Paulo é atingida por grave crise hídrica. Os desequilíbrios causados por desmatamentos percorrem milhares de quilômetros da Amazônia, pelo cerrado até a Mata Atlântica. A Terra exige ações coletivas. A crise é também fértil como o Manguê. A Associação Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona desde 1958 atravessa crises e se reinventou esteticamente a partir da relação concreta com o tempo, o espaço e o corpo dos atores do Teatro Total. Nas crises se cria, quer se queira ou não.

Entro para companhia Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, uma experiência radical de fazer e viver arte intensamente durante três anos ininterruptos. A companhia articula múltiplas linguagens da arte e saberes ancestrais, ligados à luta da terra e do rio Bixiga. Zé Celso contava que a escravizada



Libertas, que havia recebido as terras do Bixiga, antes de ser expulsa, enterrou uma caveira de burro, e dizia que ali só floresceria o que fosse da cultura. E assim é.

Ao lado do Teat(r)o Oficina corre o Rio Bixiga, também conhecido como Rio *JAPURÁ*. *JAPURÁ* em Guarani Mbya quer dizer apressado, ligeiro. Há 45 anos, um território de 11 mil m² re-existe ao avanço da materialização da especulação imobiliária. As terras entre as ruas *JACEGUAY*, Abolição, *JAPURÁ* e Santo Amaro, onde habita o corpo do Rio Bixiga, subterrado por quatro metros de matéria urbana da guerra colonial, seguem sendo manejas, habitadas e cultivadas.

A luta pelo Território do Parque do Rio Bixiga é a luta por um espaço de produção cultural e de práticas ecológicas para a renaturalização do Rio Bixiga e reconstituição do bioma da região. A construção do Território também é uma forma de proteger outros espaços culturais e históricos do bairro, impedindo que avancem sobre este terreno prédios comerciais, shopping centers e condomínios elitizados. São desafios de novos tempos marcados pelas mudanças climáticas, pela especulação imobiliária e por uma cidade que cresce, infelizmente, guiada pelo capital.

(Texto atualizado, a partir do Abaixo-assinado pela criação do Parque do Rio Bixiga)

Seguimos as práticas de LER-JUNTO no baixio do viaduto, então ressignificado Libertas. Aprofundei os estudos nas práticas e entendimento de mundo das sociedades amazônicas, reverberando no gesto feito[13] através do desenho. O próprio ato de desenhar, agia (Lagrou, 2007) como gesto mágico, que reconstituía e revelava o rio invisível, de maneira silenciosa. A cada gesto, evocava a imagem do corpo do Rio Bixiga para vibrar nessa realidade, e assim abria o Rio Bixiga.

2ª TRAVESSIA

RIO CAPIVARI, POVO GUARANI MBYA.

No ano seguinte, o Terreyro Coreografico foi contemplado com apoio do Fomento à Dança da Cidade de São Paulo. O projeto começou com uma imersão de uma semana do núcleo artístico, na aldeia Kalipety do povo Guarani Mbya, Terra Indíégna Tenodé Porã, extremo sul da cidade de São Paulo. Uma das 16 aldeias de retomada após a assinatura da portaria demarcatória em 2016. Depois de duas horas de carro (60 km do centro), atravessando a cidade de São Paulo, chegamos a TEKOA (aldeia, aonde é possível praticar o modo de ser, viver), ainda dentro das linhas do perímetro urbano do município de São Paulo, tão perto e tão longe. Dentro das linhas nos mapas,



mas fora do sistema. Ali ressoava outras sonoridades, outra língua, pisávamos em outro chão, sentíamos outros cheiros, percebíamos outra umidade, outras gentes e seres. Tínhamos a presença constante do TATÁ (fogo), da fumaça, do PETY(tabaco), do AVAXI'I (milho sagrado) na OPY (casa de reza). Depois de uma semana, no final da imersão, estávamos na OPY, de pés descalços no chão de YVY (terra), eu tocava o TAKUAPU (instrumento de bambu utilizado normalmente pelas mulheres) repercutindo e vibrando o centro da terra, inebriada pela fumaça do tabaco, sentindo a reorganização de cada parte do meu corpo através da vibração do canto, me emociono. Naquele momento, senti o fio de conexão ancestral sendo conectado, a memória ancestral sendo ativada. Um reencontro. Estava em estado de encanto. Quando JERÁ [14], traduziu o MBORAI(canto), disse: “Vocês brancos devolvam nossas terras para a gente viver”. Senti a contradição e complexidade das ancestralidades que me habitam, eu, JURUÁ (não indígena, ou literalmente: aqueles que tem “cabelo na boca”) e GUARANI MBYA no mesmo corpo. Saímos da OPY, descemos em direção ao estacionamento. Quando já estávamos nos preparando para entrar no carro, um KURINGUE (criança) veio devolver meu caderno que estava rodando entre as crianças. Na última folha tinha um desenho de uma XONDARIA (guerreira guarani que dança), com uma flecha apontando e escrito, você.

FENDA 4

A QUEDA DO CÉU, 2016.

Voltamos para o centro da cidade, paramos para comer no Cu do Padre, no Largo da Batata, batatas fritas e cerveja. Um excesso de barulho, luz, gente, informação. Segundo choque de sistema. Estava atordoada com os JURUÁ e a cidade.

Para mim, não é nada agradável viver na cidade. Meu pensamento lá fica irrequieto e meu peito apertado. Não durmo bem, só como coisas estranhas e vivo com medo de ser atropelada por um carro! Nunca consigo pensar com calma. É um lugar que realmente provoca muita aflição. Os brancos pedem dinheiro para tudo o tempo todo, até para beber água e urinar! Aonde quer que se vá, há uma multidão de gente que se apressa para todos os lados sem que se saiba por quê. Anda-se depressa no meio de desconhecidos, sem parar e sem falar, de um lugar para outro. A vida dos brancos que se agitam assim o dia todo como formigas xiri na parece triste. Eles estão sempre impacientes e temerosos de não chegar a tempo a seus empregos ou de serem despedidos.



Quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias. Então, quando seus cabelos ficam brancos, eles se vão e o trabalho, que não morre nunca, sobrevive sempre a todos. Depois, seus filhos e netos continuam fazendo a mesma coisa. (Albert, Kopenawa, 2015, pág.436)

Estava diante de uma batalha inglória: abrir os rios da cidade de São Paulo. Desiludida e sem vislumbrar caminho, em um gira de umbanda, peço conselho ao Preto Velho:

- O que podemos fazer para curar os rios da cidade de São Paulo?
- Calma, minha fia, você tem que ir para outro rio, para um rio chamar o outro.

Desde então, sigo indo e vindo em muitos rios, confluindo as águas, para chamar os rios de *PIRATININGA* para serem o que sempre foram.

3ª TRAVESSIA RIO NEGRO E AMAZONAS, AMAZÔNIA.

Submergimos no encontro das águas do rio Negro e Amazonas. Naquele tempo, estava proibido nadar, mas Cibeles [15] não acatou a regra e pulou do barco, eu pulei em seguida.

Manaus, Bahserikowi - Centro de Medicina Indígena.

Levo as águas do encontro dos rios e peço ao Kumu Khnarã para evocar a cura dos rios de São Paulo. Ele faz bahsese[16] nas águas, sopra canto de cura e tampa as águas novamente.

Pegamos um barco para subir 1.200 km o Rio Negro. Em quatro dias, chegamos em São Gabriel da Cachoeira. Ficamos hospedadas na Casa dos Pesquisadores do Instituto Socioambiental – ISA, onde adentramos questões sobre educação indígena diferenciada, ecologia, e uma diversidade de aprendizados do território, com pesquisadores e ativistas indígenas e não indígenas que por ali passavam. Da varanda coberta de palha, admirávamos a Bela Adormecida, as águas cor de mate das cachoeiras do Rio Negro e a chuva amazônica, quando tudo vira água, e ficamos submersas nas águas do céu. Além da impressionante polifonia do som dos pássaros celebrando cada chegada e partida do sol.



O município de São Gabriel da Cachoeira é um território de fronteira, com um contexto de grande complexidade. Em 2017, 97% da população se autodeclarava indígena, coexistindo mais de 20 línguas indígenas diferentes, com três delas como cooficiais, Nheengatu, Tukano e Baniwa.

Queria chegar até lauaretê. Uma vez ouvi dizer que era a “cidade do índio”. E fiquei pensando, se urbanisticamente, era a cidade do índio? Pensada e construída com fundamentos do pensamento selvagem?

Fomos convidadas para colaborar com o projeto *Processos de Resgate Cultural através da linguagem*, conduzido pela pesquisadora Kristine Stenzel, linguista americana que estava planejando a viagem há dois anos. Seguimos os protocolos para as autorizações de entrada em território indígena com a FOIRN e FUNAI, depois de uma esplendorosa aula-entrevista com o mestre Higino Tuiuka e Janete. No dia seguinte, subimos o rio mais três dias de barco até lauaretê. Sobre a minha pergunta se lauaretê era a cidade do índio: sim e não. Tinha rua, tinha colégio, igreja, tinha asfalto, mas também tinha os centros comunitários indígenas, o *xibé*, as roças, 16 línguas vivas e algumas em risco de extinção. Tinha isso e tinha aquilo. E aquilo, e aquilo. Não era isso ou aquilo, ou isso e aquilo (Brum, 2018). Era isso, aquilo, aquilo, aquilo e aquilo outro.

FENDA 5

RIO ANHANGUERA, 2017.

Voltamos para cidade de São Paulo com muitas águas.

Estava morando nas margens do Rio Anhanguera, ainda submerso sobre o asfalto da rua Dr. Cesário Mota Júnior. Na encruzilhada com a Rua General Jardim, o rio rompia as calçadas, fluía na sarjeta por alguns metros e voltava as galerias subterrâneas novamente. Por uma confluência de gestos, no dia 14 de junho 2017, nós encontramos para fazer o rito de demarcação e instalação da placa do rio ANHANGUERA. Durante o rito, Casé Xukuru Tupinambá fez uma fala sobre a importâncias dos rios e nos disse que “ANHANGUERA na língua Tupi, quer dizer *as almas antigas que correm*.” Cantamos, rezamos e levamos as águas do Rio Negro, Amazonas, Una, Nema, Jacuipé, para chamar e curar as águas das almas antigas que correm.

Catorze dias depois do rito a encruzilhada foi aberta. O Rio ANHANGUERA foi revelado. A prefeitura começou uma obra para consertar a galeria do rio, que teimava em quebrar o concreto,



e subir para ver o sol. O rio passou a ser protagonista, e todos passaram a saber que aquelas águas que estavam sempre a correr por ali eram as águas das almas antigas correndo, que nasciam ali perto, na esquina do *índio*, na rua Maria Antônia com Consolação.

Fiz amizade com o mestre de obras, e a cada dia conversávamos sobre os rios, os rios da nossa infância, Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo. Estava uma confusão por debaixo da terra. Eles não sabiam exatamente como consertar as galerias e nem quando iriam terminar as obras.

Durante várias semanas presenciamos uma mobilização cosmopolítica onde o Rio Anhanguera se fez ouvir, junto com várias pessoas e coletivos que fizeram ações para chamar atenção sobre a emergência do rio, que superou a canalização forçada e ficou novamente ao ar livre, fluindo do interior de uma imensa cratera onde as tropas da prefeitura e empresa privada contratada realizaram obras de reparo de galerias e novo submetimento subterrâneo do rio. Nesse tempo nos perguntamos sobre a possibilidade da cidade recuperar seus rios, e os rios serem reconhecidos como sujeitos políticos, com direito a ir e vir sem ser canalizados no concreto de um sistema que os enxerga apenas como algo a ser eliminado. O Rio Anhanguera voltará. (Território Cosmopolítico, 2017)

Depois de uma grande maniFestação, a prefeitura da cidade de São Paulo subterra o Rio novamente. Depois de 4 meses correndo a luz do sol, o Rio *ANHANGUERA* submerge, sufocado pelo asfalto. Mas segue, vivo, em esquivas[17], por debaixo da terra, sobre a cidade dos *JURUÁ*.

Como urbanista, sentia uma incapacidade de imaginação como poderiam ser os rios novamente no espaço urbano. Estava colonizada demais, concretada demais. Precisava seguir atravessando mundos, praticando cotidianos em outros sistemas não colonizados, apenas pôr-se a caminho, ... , ver o que nos chega; mergulhar na distância, antes que medi-la; abrir-se ao imprevisto de um mundo em movimento, antes que fixá-lo para melhor vê-lo. (Godoy, 2024)

4ª TRAVESSIA RIO XINGU, POVO YUDJA.

09 de fevereiro de 2018, Rio Xingu, Cidade de Altamira, Pará. Eu e Cibele, entramos como colaboradoras no projeto *Margens, sobre rios, buiúnas e vagalumes*[18], conduzido por Gabriela Carneiro da Cunha. O projeto se dedica à escuta de rios brasileiros que vivem ou viveram uma experiência de catástrofe.



Depois de dois anos em pesquisa com o Rio Xingu, Gabriela organizou a última pesquisa de campo na Volta Grande do Xingu para criação do próximo trabalho. Estávamos em busca do “testemunho do próprio Rio”. Escutar o Rio Xingu e as suas múltiplas vozes, humanas e extra-humanas, nas diferentes línguas dos seres que vivem com, no e do Rio Xingu.

Formamos uma equipe de trabalho de campo Cibeles, Eryk Rocha, Gabriela e João Marcelo Iglesias. Durante 40 dias, nós conectamos com mulheres guerreiras de movimentos de luta, artistas, poetas marginais, antropólogas, jornalistas, ativistas, promotoras, a mestra ribeirinha Raimunda Gomes da Silva e seu companheiro João, o Povo Araweté e o Povo Juruna da Volta Grande. O que poderia resumir o testemunho do Rio Xingu diante a catástrofe de Belo Monte é a fala do beradeiro João: “Se o Rio Xingu pudesse falar, ele choraria.”

Quando estávamos na aldeia Miratu, Terra Indígena Paquichamba, soubemos da história do povo Juruna, também conhecidos como o povo Yudja, *os donos do rio*, donos no sentido de que são responsáveis, pertencem e guardam o rio. Soubemos que uma parte do povo Yudja tinha subido o rio Xingu no século XIX. Os que ficaram, assimilaram aspectos da cultura do não indígena, como a língua portuguesa, festas e músicas, bebida alcoólica, futebol, arquitetura, ..., mas o modo de vida ligado ao rio, seguia presente no cotidiano da aldeia. As pessoas que subiram o rio, levaram e mantiveram a língua, as histórias, os grafismos, as técnicas e tecnologias ancestrais, tradicionais do Povo Yudja. Há alguns anos, algumas pessoas da T.I. Paquichamba estão retomando práticas culturais como: língua juruna, música, grafismo, cerâmica, tecelagem, etc., através de projetos do PBA, Plano Básico Ambiental, da Hidrelétrica de Belo Monte, fazendo intercâmbios no Território Indígena do Xingu com o Povo Yudja. Eryk, Gabriela e João voltaram para o Rio de Janeiro para dar continuidade ao trabalho de escuta do material captado, que resultou na instauração sonora Altamira 2042[19]. Na performance todxs as vozes do Rio Xingu falam através de dispositivos techno-xamânico: caixas de som, pen drives e projetor de imagens. Cada caixa de som porta uma voz, humana e não-humana, escutada nas margens do rio Xingu. Uma polifonia de seres, línguas, sonoridades e perspectivas tomam o espaço para abrir a escuta do público para vozes que tantos tentam silenciar. Uma performance ritual de libertação dos corpos d’água.

Eu e Cibeles seguimos a travessia, não linear, guiadas pelo desejo de encontrar o Povo Yudja, com a pesquisa de fundo de Pós-doutorado, *A Morte e as mortes do Rio Xingu*[20]. Levamos nove meses



até chegar na aldeia central do povo Yudja. Atravessamos Belém, Colares, Ilha do Marajó, Resex Verde para Sempre e Resex Xingu, território Kayapó, até chegar na confluência dos rios Ronuro, Batovi, Curisevo, Culuene, Tanguro, aonde se forma o rio Xingu, na aldeia Morená, do Povo Kamayurá, Território Indígena do Xingu. Atravessamos muitos portais, mergulhamos em muitas águas, plantamos, colhemos e torramos mandioca, comemos muitos acarís, pintados, pacus, antas, capivara, porção, ovos de tracajás, ouvimos muitos contos e cantos, danças e luas, e muitas histórias de injustiça e revolta. Conhecemos a grande luta das mulheres guerreiras em todo o Rio Xingu, que seguem sustentando o céu-floresta-rio.

No dia 12 de setembro aportamos na aldeia central do Povo Yudja do Território Indígena do Xingu, Tuba Tuba. Lá, encontramos o resultado da produção de outro sistema, outro tempo, outro espaço, outra gente. Ali, era como se fôssemos criança novamente, e junto com as crianças era necessário aprender a falar, comer, fazer roça, caxiri, dançar, curar e sonhar.

FENDA 6

FIM DO MUNDO, 2018.

Voltamos para a cidade de São Paulo, em outubro, alguns dias antes das eleições de 2018. Terceiro choque de sistema! Tive a sensação de chegar ao fim de mundo. Depois de tudo que tínhamos vivido, apesar da angústia que sentia, tinha um lugar que desejava que fosse mesmo o fim desse mundo, que ele se acabasse por completo, para que a morte, como rito de travessia, desse passagem para a criação de outros mundos possíveis naquele território e além.

GESTO FEITO

7 CANTOS PARA OS RIOS.

Depois do fim de mundo das cidades, segui em travessia. Cada vez querendo e ficando mais tempo nos mundos das florestas, do que no mundo dos *JURUÁ*.

Em 2019, recebi o convite das parceiras do Terreyro Coreografico, Andreia Yonashiro, Marion Hesser e Barbara Malavoglia, para propor uma ação direta no projeto do *cerco coreográfico*: Tinha flechas, pássaros plantados? no peito? , contemplado com a 27ª Edição do Programa Municipal de Fomento à Dança. Reúno as direções e orientações que tinha recebido nos últimos anos para o Rio Bixiga. Proponho a ação direta 7 CANTOS PARA CHAMAR O RIO DO BIXIGA. Planejamos uma ação de acupuntura urbana, 7 pejis-mandalas-oferendas em 7 cantos ao longo do percurso do rio Bixiga, durante 7 dias. Com objetivo de chamar o rio Bixiga para ser o que o rio sempre foi.



Entre o planejamento e a ação, entramos em tempos de isolamento social por conta da Pandemia Covid 19. No dia 25 de maio de 2020, data planejada para a ação, cada uma estava em um canto, isoladas. Decidimos fazer uma maquete-experimentação da ação, “conexões reais espirituais, através dos sonhos e telepatias de onde estivermos... juntas ... chamaremos o Rio Bixiga com VY’A (alegria).” (Roteiro: As águas do Rio Bocaina chamam o Rio Bixiga, 2020), o objetivo da ação era o fortalecimento espiritual do Rio Bixiga.

*Alegria como conceito guarani –
o modo como os Guarani traduzem a expressão VY’A,
que remete a relações que aumentam a potência de agir dos corpos, em
que estar junto fortalece a capacidade de cada uma se expressar, pensar,
experimentar. (Guarani, Macedo, 2018, Nas Redes Guarani, pág.10)*

Experimentamos preceitos, dietas, sonoridades, cantos, elementos e matérias com rios que correm livre, na Serra da Bocaina e no Sertão do Una, litoral de São Paulo. Mas precisávamos fazer a ação no corpo do Rio Bixiga.

Em 2021, em um contexto pandêmico mais favorável, concentramos a ação em um dia na Rua Rio Bixiga e nos outros seis dias realizamos preparações e a finalização do rito na casa de uma das artistas do grupo, Marion, à beira do Córrego da Água Preta, também submerso sobre a cidade de São Paulo.

A ação performática é orientada espiritualmente por Iyá Mônica Millet de Odé, iyalorixá do candomblé Ketu na Bahia, neta carnal de Mãe Menininha do Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê (Casa da Mãe das Águas e do Axé de Iyá Massê), conhecido como Terreiro do Gantois. As orientações através dos búzios, guiam a estrutura do roteiro, revelando os gestos fundamentais para as energias protetoras das águas do Rio Bixiga. A partir disso, o roteiro, orientado por Cibeles, e trabalhado em parceria com Annick, foi cuidadosamente elaborado para atingir seu propósito: fortalecer espiritualmente e curar as águas do Rio Bixiga.

Concebida como uma intervenção espacial, a performance teve sua dinâmica transformada ao contexto de isolamento social. Os cantos espaciais se multiplicaram em cantos de mulheres guerreiras da luta, ressoando, através de dispositivos eletrônicos, em todo o corpo do Rio Bixiga e ANHANGABA’Y.



No dia 17 de abril de 2021, de 6h às 12h, juntas, em 7 cantos do Rio Bixiga, atravessando o percurso do rio, da nascente até a foz no Rio *TAMANDUA ETE'Y*, demarcamos, perfuramos, plantamos, limpamos, riscamos, dançamos, ecoamos cantos de cura e proteção, rezamos e levamos as águas dos rios para chamar o Rio Bixiga para ser o que sempre foi.

Em 2022, retomamos a estrutura inicial dos 7 cantos em 7 dias, mas agora uma homenagem as almas antigas do Rio Anhanguera. 7 CANTOS PARA CURAR O RIO ANHANGUERA, em parceria com a companhia de teatro Cia.Livre, o Povo Guarani Mbya da Terra Indígena Tenondé Porã e o Ilú Obá de Min, um ecossistema de cultura e arte negra, ao longo do percurso do Rio ANHANGUERA, demarca, planta, reza, dança, troca sobre políticas públicas e leis das perspectivas dos rios, canta, toca e leva as águas dos rios para curar o Rio ANHANGUERA, para que ele possa ser o que sempre foi.

Segui atravessando mundos, indo em outros rios para chamar os rios de *PIRATININGA* para serem o que sempre foram.

Estava de passagem por São Paulo, depois de 4 meses no Rio Xingu com o Povo Yudja. Ainda no carro saindo do aeroporto, recebo o convite de Marcella Arruda, do festival A Cidade Precisa de Você – Sonhar Parques, para realizar no dia 05 de dezembro de 2024, em parceria com o Tyazo do Teatro, a ação 7 CANTOS PARA O RIO BIXIGA, uma celebração para Denise Assunção, Zé Celso e o Rio Bixiga. A performance, em parceria com o Coro Guarani Mbya da Terra Indígena Tenondé Porã e Grupo de Capoeira Ypiranga e Pastinha, elege o rito como ação mágica de manipulação das matérias, afetos, cantos e das danças para celebrar e oferecer às entidades protetoras das águas do Rio Bixiga. As águas dos rios Xingu, Preto, Jacuipe, Una, Madeira, Capivari, Juruá, Carioca, Nema, Mandasaia, Negro, Amazonas, Arapius, Tapajós, Anhangabaú, Anhanguera, Água Preta, Água Vermelha, Subaé, Awaya, Tupinambá, Fulda, Bocaina, Contas, Cristina, Ipiaçava, Tejo, ... chamam as águas do Rio Bixiga para que elas possam ser o que sempre foram!

Os gestos partilhados nesse ensaio têm como objetivo a cura dos rios nas cidades e o fortalecimento espiritual de todas as águas. AGUYJETE! Àşę!

Bibliografia

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



BISPO, Nego. **A terra deu, a terra quer**. Rio de Janeiro: Editora UBU, 2021.

FILO, Breno. **MÁQUINA-ROTA: um jogo cartográfico e suas linhas inventivas**, 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém. Disponível em:

<https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20Turma%202015/BRENO%20FILO%20CREAO%20GARCIA.pdf>

FORJAZ, Cibele. **A morte e as mortes do Rio Xingu**. Pós-doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

GODOY, Ana. **[deserto] imagem, meio e cartografia: notas sobre o movimento e a relação com o não conhecido [online]**, Campinas, ano 11, n. 27., dez. 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/deserto-imagem/>

GUARANI, Jerá; MACEDO, Valéria (Org.). **Nas redes guarani: saberes, traduções e transformações**. São Paulo: Hedra, 2018.

KRENAK, Ailton. **Aula Espetáculo: Os rios e as cidades**, 2021.

LAGROU, Els. **A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma perspectiva ameríndia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1993.

SANTOS, Lucas Keese dos. **A esquiva do xondaro: movimento e ação política guarani mbya**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

SANTANA, Tiganá. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**, 2019.

SILVA, Raimunda Gomes da. **Cartilha de Mezinagem**. São Paulo: Editora N-1, 2023.



TERREYRO COREOGRÁFICO (Org.). **As Mitológicas**. Publicação independente, 2017.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem: coleção ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Clara Jaxuka Mewaki Morgenroth é artista e guardiã da floresta com formação cultural com o Povo Guarani Mbya, Yudja e Yorùbá. Tem formação técnica em arquitetura, urbanismo e diversas áreas das artes, voltada para rios, nas cidades e na floresta. Atua na educação, agroecologia, arquitetura, desenho, artes gráficas e visuais, teatro, dança, performance, vídeo projeção e como documentarista na cidade de São Paulo, Bahia, em *NHE'ĒRŸ* (Mata Atlântica) e Amazônia.

[2] NHE'ĒRŸ: aonde os espíritos se banham. Carlos Papa. Ciclo Selvagem de Estudos sobre a vida, Ciclo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog>

[3] Raimunda Gomes da Silva, nasceu ribeirinha, em Pedreiras, Maranhão, às margens do Rio Parnaíba, em 1959. E seguiu ribeirinha. Transita entre a cidade de Altamira e a Terra Prometida no Território Ribeirinho, Rio Xingu, Pará. É autora da "Cartilha de Mezinagem". Para Raimunda, mezinagem é a combinação de seus conhecimentos sobre plantas medicinais e ervas da floresta e o poder da imaginação como ferramenta de cura. Nas palavras dela, "mezinagem é quando você imagina que algo funciona e você faz". No tempo dos cozimentos reflete e filosofa sobre o rio, o respeito, a lua, a justiça, a liberdade, o espírito das águas. Sua luta na batalha de Belo Monte inspirou a reportagem "Vítimas de uma guerra amazônica", escrita por Eliane Brum, que narra a guerra enfrentada por Raimunda e seu companheiro, João Pereira da Silva, após serem expulsos da ilha que moravam no Xingu devido à construção da hidrelétrica de Belo Monte, e também terem sua casa da "rua" destruída pelos projetos de gentrificação urbana em Altamira. Sua imagem e suas palavras conduzem o espetáculo "Altamira 2042", dirigido por Gabriela Carneiro da Cunha. Dona Raimunda continua se dedicando à segurar a floresta e fortalecer os saberes e praticas tradicionais.

[4] *AYVU PORÃ* (belas palavras) é um dos conceitos fundamentais na cosmologia do Povo Guarani Mbya. "Cabe destacar que a palavra divina revela a primazia do universo cosmológico sobre o social, do qual é princípio e destino final. Por isso, escutar e entender as palavras divinas são os meios de realização do ser, de construção da



história. Como ensina Melià (1989, p. 306), para os Guarani, "a palavra é tudo e tudo é palavra". Essa afirmação confirma-se nas expressões *nhe'e* e *ayvu*, que indicam a palavra, a fala e a língua como porções divinas da alma: alma-palavra e palavra-alma." (Campo, Godoy e Santo, 2017)

[5] "Traduzir não é apenas transferir palavras de uma língua para outra. Traduzir é instalar-se no espaço do equívoco e habitá-lo." (Viveiros de Castro, 2002)

[6] O conceito de bricolagem, elaborado por Claude Lévi-Strauss em *O Pensamento Selvagem* (1962), refere-se a um modo de pensamento e criação que opera pela recombinação de elementos disponíveis, sem um projeto prévio fixo. O bricoleur trabalha de forma adaptativa, reorganizando materiais, narrativas e saberes de maneira relacional e improvisada.

[7] Terra Indígena Tenondé Porã. www.tenondepora.org.br

[8] Terra Indígena Jaraguá. <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3707>

[9] PORTARIA MJSP Nº 793, DE 23 DE OUTUBRO DE 2024 Terra Indígena Jaraguá. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mjsp-n-793-de-23-de-outubro-de-2024-591947728>

[10] A palavra ecocídio refere-se à destruição deliberada e em grande escala de ecossistemas, com efeitos irreversíveis sobre a biodiversidade, o equilíbrio ecológico e as condições de vida das populações humanas e não-humanas que dependem desses ecossistemas. Ver Eliane Brum: "A notícia é esta: o Xingu vai morrer", disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/12/opinion/1568300730_780955.html

[11] MÁQUINA-ROTA: um jogo cartográfico e suas linhas inventivas. Disponível em: <https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20Turma%202015/BRENO%20FILO%20CREAO%20GARCIA.pdf>

[12] Terreyro Coreográfico. Disponível em: <https://terreyrocoreografico.cc/>

[13] Feitiço como gesto feito, evocando a força ancestral das ações como encantamento e transformação. Em diálogo com o pensamento de Tiganá Santana, trata-se de um ato que materializa a potência espiritual do desenho, da palavra, do corpo e da memória na tessitura do real.

[14] Jerá Poty Guarani é uma das lideranças da Terra Indígena Tenondé Porã. Jerá tem um papel fundamental no fortalecimento da cultura Guarani Mbya dentro do seu povo. Trabalha há muitos anos com o resgate das sementes tradicionais de *AVAXI* (milho) e *JAXY* (batata), reflorestamento, arte e educação, e com o fortalecimento do *NHANDE REKO* (nosso modo de vida guarani).

[15] Cibeles Forjaz é diretora e iluminadora de teatro, bacharel em direção teatral, mestre em Artes e doutora em Artes Cênicas (PPGAC/ECA/USP). Pós Doutorado no Programa de Antropologia Social da FFLCH/USP. Docente e pesquisadora do Departamento de Artes Cênicas (ECA/USP). Em 39 anos de profissão participou de 3 coletivos de teatro: A Barca de Dionísos (1986-1991); Teatro Oficina Uzyna Uzona (1992-2001) e Cia.Livre, onde é diretora artística desde 1999. Trabalha com a Cia. Livre na fronteira entre a Antropologia e o teatro, com o estudo e recriação de narrativas e cosmologias de povos ameríndios para as Artes Cênicas, desde 2006.



[16] Bahsese é um dos três grandes conceitos da cosmologia do Povo Tukano. É uma tecnologia de cuidado da saúde. São fórmulas metafísicas que, evocadas sobre elementos, tem a habilidade de transformar a matéria em agenciadora de proteção e cura.

[17] “o movimento da esquiva irá além para ajudar a pensar as dinâmicas entre corpos, coletivos e mundos, contribuindo para suspender oposições exclusivas entre resistência e fuga. A esquiva(jeavy uka “fazer errar”) surge como um movimento nem exclusivamente positivo, nem negativo. Em termo políticos: não submete e tampouco deixa se submeter.” Lucas Keese dos Santos, A esquiva do xondaro: movimento e ação política entre os Guarani Mbya. Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-29062017-111237/publico/2017_LucasKeeseDosSantos_VCorr.pdf.

[18] “Projeto Margens – Sobre Rios, Buiúnas e Vagalumes é um projeto de pesquisa em arte que se dedica, desde 2013, a ouvir e amplificar o testemunho de rios brasileiros que vivem uma experiência de catástrofe, desde a perspectiva do próprio rio. Esta pesquisa foi concebida como uma resposta ao conceito de “Antropoceno”, entendido como *o momento em que os homens deixam de termer a catástrofe para torna-se a própria catástrofe*”. Disponível em: <https://projetomargens.com/>.

[19] Altamira 2042. Disponível em: <https://aruacfilmes.com.br/altamira-2042>.

[20] Projeto de pós-doutorado “A morte e as Mortes do Rio Xingu” no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/ FFLCH / USP) de CIBELE FORJAZ, na linha de pesquisa da Antropologia das Formas Expressivas, com estudo de campo de 13 meses no Rio Xingu. Trabalho de campo com os povos : Araweté, Juruna, Yudjá, Kayapó, Awaeté, Kamayurá, ribeirinhos/as da RESEX Verde para Sempre e Xingu.